

a pena
SEMANÁRIO REGIONAL

DESPORTO

O MELHOR SEMANÁRIO DESPORTIVO REGIONAL

EDITOR Nuno Azinheira EDITOR-ADJUNTO Rui Camões

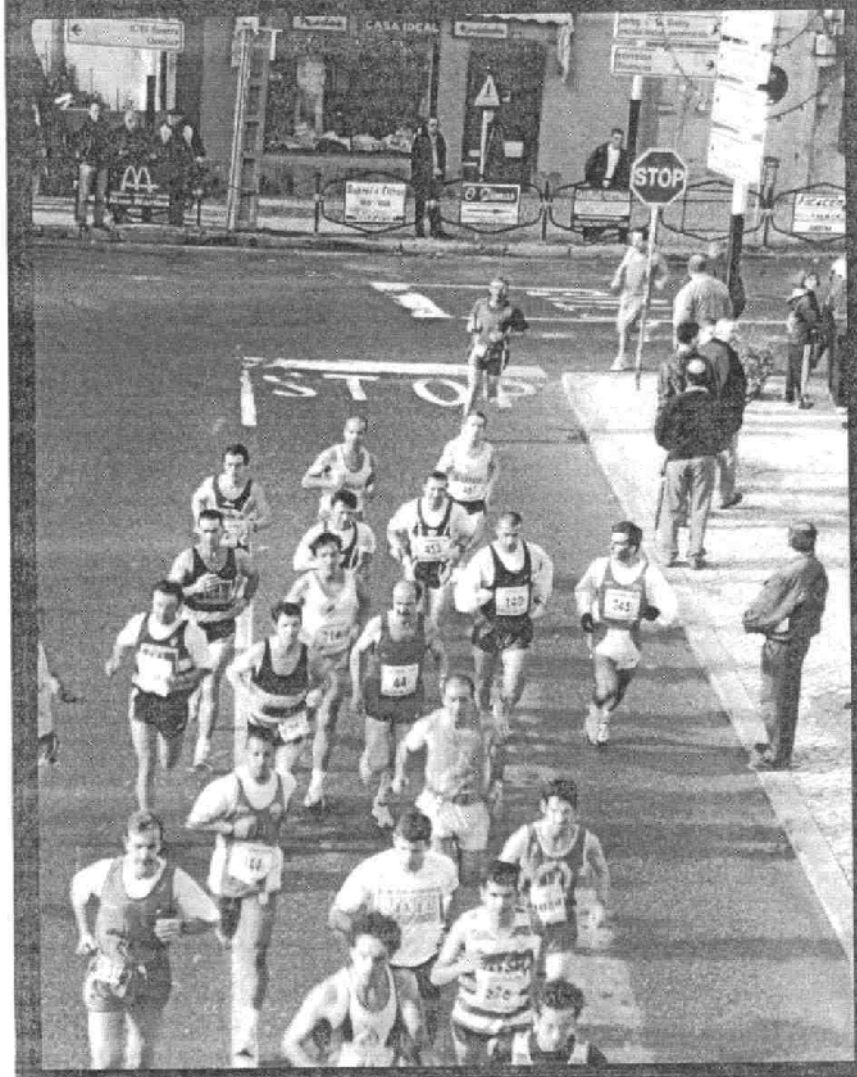
Quinta-feira, 14 de Janeiro 1999

Este suplemento é parte integrante do jornal A PENA e não pode ser vendido separadamente

VENTURA SARAIVA

José Dias vence GP de Ano Novo

NA MAIOR



ENTREVISTA

Adriano Filipe quer profissionalizar

"A II divisão B já não se compece com amadorismos". Eis uma das mais importantes frases da entrevista de Adriano Filipe ao jornal A PENA. O presidente do Sintrense afirma que o clube vive acima das suas possibilidades e tem que repensar toda a sua estrutura. Uma entrevista oportuna para ler nas páginas 2 e 3.

FUTEBOL

Estrela joga em Faro futuro na Taça de Portugal

HÓQUEI EM PATINS

Hockey de Sintra não passa em Alenquer

Adriano Filipe põe o dedo na ferida do Sintrense

"Estamos a viver acima das possibilidades"

Adriano Filipe vai chamar os sócios do Sintrense no final da época. Em Assembleia Geral, o presidente da direcção vai colocar o futuro do clube nas mãos dos associados. Para o dirigente, o futuro do Sintrense tem que passar pelo profissionalismo. É que Adriano não tem dúvidas: "o clube está a viver acima das suas possibilidades!"

NUNO AZINHEIRA

A PENA - A uma jornada do final da primeira volta do campeonato, o Sintrense está abaixo da linha de água. Que balanço faz da participação da equipa no Nacional da II divisão B?

ADRIANO FILIPE (AF) - O balanço não pode ser positivo, porque os resultados da equipa não estão ao nível das expectativas criadas, quer pela equipa técnica, quer pela direcção. Mas depois de termos começado a jogar, depois de termos como está este campeonato e os reforços que as equipas têm contratado, eu penso que o Sintrense poderá sair da posição em que se encontra, embora antevaja grandes dificuldades. Repare, as

esta II divisão B é louca em termos de contratações.

A PENA - A forma como fala dos seus adversários dá a entender algum ceticismo, alguma falta de esperança...

AF - Não, não é verdade. Eu penso que, a manter o nível exibicional dos últimos jogos, a minha equipa tem capacidade para derrotar qualquer equipa que venha a Sintra e conseguir bons resultados fora de casa. Como lhe digo, não vai ser fácil a manutenção, mas estamos muito esperançados de conseguí-la.

A PENA - A que é que se deve esta primeira volta negativa do Sintrense, quase desastrosa em grande parte da época?

AF - O Sintrense não começou bem a época, já que não tivemos campo relva-

"Esta II divisão B já não se compadece com o jogador a vir do trabalho e a treinar às sete horas e o outro a chegar às sete e meia, porque não pôde vir mais cedo, etc. A II divisão já não se compadece com este amadorismo de treino."

equipas que estão abaixo da linha de água, como nós, têm vindo a reforçar-se. Por exemplo, o União de Montemor contratou agora um treinador do nível da II divisão de honra e três ou quatro reforços de nomeada; temos o caso do Atlético, que tem apenas mais dois pontos do que nós e que contratou agora o ex-internacional português Pacheco, que esteve ao serviço do Benfica e do Sporting. Portanto, como se vê, todos os adversários estão a lutar com armas poderosas. É caso para dizer que

do no início da temporada. O Sintrense é o único clube da zona sul da II divisão que treina só à noite e eu penso que, hoje em dia, isso começa a ser incompatível. Já não é mais possível, o jogador ter o seu emprego e à noite ir treinar. Isto é um conjunto de circunstâncias. Como sabe, a nível de preparação, treinar num campo relvado ou em pelados não é a mesma coisa e essa diferença reflecte-se no rendimento da equipa. Por outro lado, jogar com equipas recheadas de bons jogadores, que ain-



VENTURA BARAIVA

da por cima treinam de manhã e de tarde é muito difícil. Por alguma razão, o Sintrense perdeu a maior parte dos jogos nos últimos minutos, numa altura em que, fisicamente, os jogadores já se andavam a arrastar pelo campo à espera do final da partida. E isso é um caso a rever. Para o ano, se ficarmos na II divisão, vamos ter que repensar toda esta situação.

A PENA - O que significa repensar toda a situação?

AF - Olhe, eu vou dar-lhe um exemplo: quando for-

mei esta equipa, uma pessoa muito minha amiga, o presidente do Lourinhense, disse-me que com um pouco mais de dinheiro do que eu estava a gastar conseguiria fazer uma equipa profissional. Eu disse-lhe que não e neste momento estou arrependido. Porque, certamente, com mais 100 ou 200 contos por mês, hoje tínhamos uma equipa diferente. É que repare que o nível de vencimentos que os meus jogadores auferem não é muito diferente do que a maior parte dos clubes pagam. Por isso eu

digo: para o ano, é um caso a rever, porque esta II divisão B já não se compadece com o jogador a vir do trabalho e a treinar às sete horas e o outro a chegar às sete e meia, porque não pôde vir mais cedo, etc. A II divisão já não se compadece com este amadorismo de treino.

"Não podemos continuar com 180 sócios na bancada"

A PENA - O futuro do Sintrense passa pela pro-

fissionalização?

AF - Nós temos que assumir as nossas responsabilidades, mas temos que ser todos a assumir. O Sintrense não pode continuar com 180 sócios na bancada a ver o jogo. O número é sempre o mesmo, quer nos primeiros lugares da III divisão, quer nos últimos da II divisão B. Não podemos ter tão pouca gente a assistir aos jogos, nem tão pouca gente a colaborar com o clube. Por isso, é meu objectivo, no final desta época, fazer uma assembleia geral para os sócios decidirem o que querem fazer do Sintrense. São sempre os mesmos a irem de porta em porta a pedir apoios. E é cada vez mais difícil, até porque ninguém é obrigado a alimentar o clube. O Sintrense é, infelizmente para nós, o único clube do concelho que paga 25 mil contos de impostos por ano, 12 mil dos quais para a Segurança Social. E estes 25 mil contos por ano, se nós fizéssemos como a maior parte dos clubes, certamente serviriam para ter uma equipa a pensar nos primeiros lugares.

A PENA - O que é que estará em cima da mesa nessa Assembleia Geral?

AF - Quero com clareza mostrar as contas do clube. É fácil mostrar as receitas e as despesas do clube e explicar onde tivemos que ir buscar a diferença. E se essa diferença que nós temos que ir buscar todos os anos for comparticipada por todos, certamente será mais fácil. É injusto, depois do esforço financeiro que temos vindo a fazer, olhar para a bancada e ver cerca de 180 associados.

A PENA - Já me disse que o orçamento desta época é maior do que na época passada. Em face disso, o plantel está a desludir o presidente?

AF - Nas primeiras jornadas, desludiu-me e de que

maneira! Como sabe, o treinador tem toda a nossa confiança e tem sido de uma grande dedicação com o Sintrense. Não se pode dizer que o Daúto falhou na contratação A ou B, quando se faz a comparação que o jogador que veio é inferior ao que safu. É que o que cá estava já tinha sido arranjado pelo Daúto. Agora, penso que é o Daúto não conhecia bem a II divisão B, ou então, foi mal aconselhado, porque o que o treinador dizia é que todos os jogadores eram mais valias para a equipa. Infelizmente, não é isso que está a acontecer. Ou porque não se conseguiram adaptar bem, ou porque demoraram muito tempo a adaptar-se à equipa. Por outro lado, os jogadores também podem dizer que foi mais difícil a adaptação à equipa porque não tinham relvado para treinar, e eu posso concordar com isso.

A PENA - Admite, portanto, que a direcção do Sintrense não deu ao treinador todas as condições necessárias e imprescindíveis para um bom trabalho?

AF - A direcção do Sintrense deu todas as condições exigidas pelo treinador, à excepção de um campo relvado em boas condições, no início da época.

A PENA - É a condição mais importante, quicá a decisiva...

AF - Sim, mas os jogadores e a equipa técnica têm que perceber que para que tivéssemos um campo a drenar durante a época, gastámos 10 mil contos na-



VENTURA SARGAVA

quele investimento. Simplesmente, não deu os frutos imediatos.

"A continuidade de Daúto nunca esteve em causa"

A PENA - Em Novembro, no auge da crise na equipa de futebol, quando se falava de chicotada psicológica, a direcção do clube decidiu reiterar a confiança no treinador e dispensar três ou quatro jogadores, contratando outros tantos para colmatar as saídas. Mais de dois meses depois, não houve nem dispensas nem contratações. Pode dizer-se que houve uma espécie de "bluff" ou de... chantagem emocional com os jogadores?

AF - Não foi qualquer

chantagem, porque quem me conhece sabe que eu não faço chantagem. A posição do Daúto nunca esteve em risco, porque ele é uma pessoa séria e honesta. Simplesmente, fizemos uma reunião com ele, alertando-o para a nossa posição na tabela. E o que o Daúto nos disse é que havia uma grande possibilidade de dispensar os jogadores menos utilizados e ir buscar outros no lugar daqueles. Só que, não vamos ser hipócritas, não é fácil mandar embora um trabalhador que tem um vínculo contratual com a entidade patronal. Se mandarmos embora um jogador, temos que pagar tudo até ao final da época. Por outro lado, também não era fácil, contratar jogadores, por causa da situação fi-

nanceira do clube. Ou seja, numa rescisão de contrato, o Sintrense teria que desembolsar muito dinheiro e gastaria ainda mais dinheiro nas contratações. Pronto, felizmente, os jogadores começaram a ganhar jogos. **A PENA - Como não foram tornados públicos os nomes dos possíveis dispensáveis, cada jogador sentiu que podia ser ele próprio um dos que ia embora. Admite que a solução encontrada pela direcção possa ter "picado" os jogadores?**

AF - Sim, admito. Ou talvez, os jogadores, no seu subconsciente, acharem que podiam dar mais ao Sintrense, um clube que paga por transferência bancária ao dia 5 de cada mês. **A PENA - O que me está a dizer é que o Sintrense**

tem no plantel jogadores que só não foram dispensados porque o clube não tinha dinheiro para os mandar embora e ir buscar outros. São... "pesos

uma outra forma: eles treinam das sete às nove horas da noite e jogam ao domingo. Portanto, veja o tempo que eles passam ao serviço do Sintrense.

"O Sintrense tem em arrendamentos comerciais e quotização cerca de 33 mil contos por ano e gasta só com a equipa de futebol sénior 42 mil contos. Logo aí há um défice de quase 10 mil contos. E os técnicos, e os massagistas e a manutenção do campo relvado, e as deslocações e a alimentação?"

mortos?"

AF - Não, não se tratam de pesos mortos. Eu dou-lhe dois exemplos: tenho um jogador que só começou a treinar no fim de Novembro, que veio com uma lesão. Esse poderia ser um dos jogadores com quem o Sintrense poderia ter tentado chegar a um acordo. Temos outro caso de um jogador que veio para o Sintrense e foi incorporado no serviço militar e que mal tempo tinha para treinar. E acabou por ser ele a ir embora. Estes são apenas dois exemplos. Agora, se o treinador põe a jogar este ou aquele é uma questão técnica e que não me diz respeito. Mas uma coisa lhe digo: todos os jogadores do plantel do Sintrense são jogadores muito bem pagos. Podemos fazer as contas de

A PENA - Quanto é que ganham os jogadores do Sintrense?

AF - O ordenado mais baixo do plantel é de 80 contos e o mais alto é de cerca de 170 mil escudos. O Sintrense, com vencimentos do plantel e com os encargos sociais inerentes a ele, gasta 42 mil contos por ano. Por isso, eu digo que estamos a viver acima das nossas possibilidades. É a verdade. O Sintrense tem em arrendamentos comerciais e quotização cerca de 33 mil contos por ano e gasta só com a equipa de futebol sénior 42 mil contos. Logo aí há um défice de quase 10 mil contos. E os técnicos, e os massagistas e a manutenção do campo relvado, e as deslocações e a alimentação? É tudo muito difícil. ●

Zero-a-zero na Reboleira

Tira teimas no S. Luís



FERNANDO NASCIMENTO

NÃO CHEGARAM 120 minutos para Estrela e Farense marcarem um golo que fosse. No passado domingo, no estádio José Gomes, as duas equipas ficaram em branco, em jogo a contar para a quarta eliminatória da Taça de Portugal, a primeira que contou com a presença de conjuntos da I divisão. O Estrela esteve longe do fulgor de outros encontros e foi mesmo a turma algarvia a dominar o encontro, sobretudo na primeira parte. Só durante o prolongamento é que os locais deram um arzinho da sua graça, conseguindo criar as melhores oportunidades de golo.

Assim sendo, os dois conjuntos vão ter que repetir

o esforço, jogando em Faro, no estádio S. Luís, na próxima terça-feira, às 15 horas.

Para José Maria Salvado, presidente do clube tricolor, "a deslocação ao Algarve não estava nas nossas previsões, nem sequer é bom para o nosso clube, porque acarreta mais uma deslocação, logo mais despesas, que, para um clube como o Estrela é sempre mau".

Paco Fortes, o técnico do Farense, acredita que, depois do "bom jogo" na Reboleira, o jogo poderá ser resolvido no Algarve. "Em casa mandamos nós", afirmou o catalão. Ainda assim, Rebelo, Rui Neves e companhia querem fazer uma surpresa na terça-feira.

Este é, de resto, um jogo com tradições na Taça de Portugal. Na época de 1989/90, as duas equipas encontraram-se na final do Jamor, tendo sido obriga-

das a uma finalíssima, que o Estrela venceu por 2-0. Resta dizer que a Rádio Ocidente transmite o jogo de terça-feira, em directo, a partir das 15 horas. ●

CREDEZALDO, LDA.



Gabinete Técnico de Contabilidade

EXECUÇÃO DE ESCRITAS
CONTABILIDADE INFORMATIZADA
IVA / PROCESSAMENTO DE SALÁRIOS
CAIXA DE PREVIDÊNCIA
CONSTITUIÇÃO DE SOCIEDADES
IMPOSTOS / I.R.S. / I.R.C.

Rua da Guiné, n.º 3 - r/c Esq.º - 1100 LISBOA
☎: 813 59 19 / 814 94 22
Urbanização Encosta do Sol, Lote 12 B - dv - E
MASSAMA - ☎: 430 18 82